

**LITERATURA BRASILEIRA**  
**Textos literários em meio eletrônico**  
**Pesia Satírica, de Emílio de Menezes**

Obra de referência:  
Obra Reunida, de Emílio de Menezes,  
Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1980.

**POESIA SATÍRICA**  
**E**  
**VERSOS DE CIRCUNSTANCIA**

**PRATO DO DIA**  
**OS TELEGRAMAS (ENTREATO)**

Um quarto no palácio do governo em Porto Alegre.  
Júlio, o Sublime, em ceroulas e de barrete  
frígio, afasta lentamente os lençóis e se senta na  
cama  
Bruxuleia no quarto a chama de uma vela de  
graxa pelotense, pondo sombras fugidias e súbitos  
clarões nas faces de uma fotografia de Clotilde de  
Vaux. Ouve-se fora um canto de serenata ao violão.

A SERENATA (com a música do fadinho do Hilário)  
Ai! quem me dera querida,  
Viver contigo até a morte!  
Mas ah! tristezas da vida!  
Sou mesmo um coiό sem sorte!

JÚLIO  
Coiό sem sorte! Insultam-me, é isso mesmo!  
Ah! canalhas! hipócritas, bandidos!  
Tiram-me a graxa, deixam-me o torresmo,  
Roubam-me as minhas ilusões queridas!  
Dizem-se amigos, são amigos ursos,  
Chamam-me chefe, mas me vejo a sós,  
Sinto para a eleição não ter recursos,  
Sofro como o mais reles dos coiós.

A SERENATA  
Mas ah! tristezas da vida,  
sou mesmo um coiό sem sorte!

JÚLIO (ensaiando o metro)  
Ai quem me dera a mim, presidência querida,  
Empolgar-te de vez, só deixar-te na morte.

Mas oh! tristeza infinda, amargura da vida  
Eu sou mesmo um coió, mas um coió sem sorte!  
E então! não é que até consegui fazei verso?

MEDEIROS (o Borges) escutando no buraco da fechadura.  
Não é que consegui fazer uns pés quebrados?  
Contra o pensar do Mestre e o que o Mestre ordenou?  
Não! não se metrificica a ciência do universo,  
A lei das eleições...

JÚLIO (pensativo)  
A lei dos três Estados,  
Perdoai-me Augusto Comte e Clotilde de Vaux.

MEDEIROS (entrando)  
Três Estados! Quais são?

JÚLIO  
De Santa Catarina,  
Rio Grande do Sul e mais o Paraná,

MEDEIROS  
Unidos estes três ah! que eleição divina!

JÚLIO  
MAS QUAL! São muito pouco humanos sem h.

MEDEIROS  
Se te vim surpreender, em trato com as musas,  
Foi para te provar que os ânimos inflamas  
E que em nossa bancada as coisas vão confusas.  
Trago-te aqui, senhor, estes dois telegramas.

A SERENATA  
Mas oh! tristezas da vida?  
Sou mesmo um coió sem sorte!

JÚLIO (depois de ler)  
Diabos o levem, ao inferno, vede,  
Caro Medeiros, que desgraça a minha!  
Eu creio que afinal caí na rede,  
Mexeram-me de mais na panelinha.

Querem minha opinião sem mais aquela  
Exigem-me a num tom imperativo,  
Como hei de me sair da entaladela?  
Responde-me Medeiros, morto ou vivo!  
Aqui não vim somente aconselhar-te  
Nem matar as saudades de palácio.  
Sei que sou o todo e que tu és a parte.  
Responde-me, responde-me, pascácio!

MEDEIROS (trêmulo)  
Se aqui estou, meu senhor, a ti somente o devo.

1

JULIO (iracundo)  
Falo?te em verso heróico e dás?me alexandrino?!!  
(Mudando de tom)  
Mas vamos ao que serve, ao meu único enlevo,  
O que dizem de mim e dizem do Quintino?

(A SERENATA, muito ao longe)  
Eu e tu no mesmo embrulho  
Iremos juntos à morte!  
Castigo do nosso orgulho!  
Somos dois coiós sem sorte!

JULIO

Medeiros, dize cá; é comigo o "deboche"?  
(A! é me saiu frouxo este verso, por cima!)  
Dá?lhes uma lição,

MEDEIROS  
A quem quer que eu arroche?

JULIO  
Ao Marçal Escobar mais o Barbosa Lima.

MEDEIROS  
E a resposta, senhor, a estes dois telegramas?  
Eu bem quis responder, porém não sei se devo...

JULIO  
Tu que por minha glória em tais zelos te inflamas  
Responde ao meu nome.

MEDEIROS  
O quê?

JULIO  
Talvez te escreva.

MESTRE COM

Rio de Janeiro, 2 set. 1901.

## **MARIPOSAS**

Dão-me os jornais notícia de uma empresa  
Fundada para dar cartas de fiança  
Quanto a aluguel de prédios. Com certeza  
Grande futuro tal idéia alcança.

Vai fazer, pelo menos, a limpeza  
De umas imundas sucursais do avança,  
Que exploram com torpíssima esperteza  
Todo aquele que quer fazer mudança.

E tanto elas embrulham inquilinos  
Como sai embrulhado o proprietário  
Com fiadores matreiros e ladinos.

Tenha portanto a empresa por fadário  
Dar cabo desses antros clandestinos  
Que assim presta um serviço extraordinário,

(D'A Tribuna) E? DE M.  
O Malho, Rio de Janeiro, 4(153), 19 ago. 1905.

## **O MEU BATISMO**

Quis alegre surgir pela manhã  
Do dia de hoje a procurar alguém  
Que quisesse a alegria honesta e sã  
Que estas páginas trêfegas contêm.

Fugindo ao nosso eterno rã?me?rã  
Busquei um nome que casasse bem  
Aos gostos de uma folha folgazã,  
E a meu próprio aqui dou meu parabém!

Lembraram?me diversos, mas nenhum  
Deles, não sei por que, pude achar bom  
E quase estive a batizar?me Pum!

Mas passa um automóvel. Pego o som:  
Fan-fan Fen-fen Fin-fín Fon-fon Fun-fun  
De fan-fen-fin-fon-fun, quis ser Fon-Fon!

Fon-Fon, Rio de Janeiro, 1(1), abril, 1907,

## **CÃO QUE LADRA...**

Um fato que nos campos é freqüente  
Agora, na lembrança se me aviva:  
Se um trem Passa, por eles, velozmente,  
Ladram os cães contra a locomotiva!

Esforço vão, estúpido e impotente!  
Segue a máquina audaz, serena e altiva  
E eles mal voltam, dolorosamente,  
Na fraqueza da raiva inofensiva!

Tiremos neste caso, a semelhança:  
De Rio Branco o nome, o mundo inteiro,  
Corre veloz e à própria glória alcança!

Ladra Zeballos! Ladra bom rafeiro!  
Em tal ódio e tal sede de vingança,  
Nem te percebe o Grande Brasileiro!

GASTON D'ARGY  
Fon-Fon, Rio de Janeiro, 3(50), 11 dez. 1909.

## **NA ACADEMIA DE LETRAS**

Pavão versus Águia

"O Euclides, aluno militar, metido em insubordinações de classe e desrespeitando velhos superiores, é um Euclides transitório, um Euclides colegial, um Euclides, se me permitem de primeiras letras E não foi este o Euclides a quem acabam de suceder na Academia. . . "

(De uma brilhante crônica de Costa Rego

Se eu em gênero, em número e em caso,  
Costa Rego, concordo bem contigo  
Em condenar do Afrânio tal descaso,  
Tiro esse trecho ao teu formoso artigo.

O único Euclides que, por mero acaso,  
Teve um tal sucessor, ouve o que digo;  
Foi esse Euclides pequenino e raso  
De quem Afrânio se dizia amigo

Tu pecas, nesse ponto, pela base:  
Não teve sucessor, como tu queres,  
O grande Euclides da gloriosa fase

Pois somente a Euclides quase alferes  
Se opõe qualquer Trousseau de ambígua frase  
Ou Maupassant de purgas e clisteres.

PEIXÃO AFROITO  
Folha do Dia, Rio de Janeiro 22 ago. 1911, p. 1.

## **ERASMO E FAFÂNIO**

Vai da primeira página à Segunda  
D'O País de hoje, o rodapé Erasmo  
Faz a Fafânio em fase pudibunda  
E recatado, tímido entusiasmo.

Erasmo é doce. Não compreendo a tunda  
Que Fafânio levou de causar pasmo,  
E em melífluas tiradas ele abunda  
Contra a crítica, a sátira, o sarcasmo.

Eu não sei quem o nome a Erasmo tome  
Para elogiar essa literatura  
Em que Fafânio tanto se consome.

Se ensandeceu Fafânio, ninguém jura; Porém é natural que, honrando o nome,  
Faça Erasmo, o elogio da loucura.

Peixão Afroito  
Folha do Dia, Rio de Janeiro, 23 ago. 1911, p. 1.

"Entende o doutor Afrânio,  
E aos colegas que meter,  
À viva força, no crânio,  
O seu modo de entender,  
Que a erudita Academia,  
Da qual é membro influente,  
Da nossa sabedoria  
Deve tornar-se expoente.

Aqui do fundo insondável  
Da minha triste consciência,  
Deixe o doutor que estranhável  
Eu ache a tal expoência.

Se vingar mesmo a teoria  
Que o doutor vive a pregar,  
Veremos a Academia  
Transformada num bazar. . . ",

Esta idéia de almoço, eu por mim já sabia,  
Não podia deixar de ser obra do Oswaldo,  
Pois o que mais lhe ameiga e abranda a fantasia  
É o gozo do pirão, é a bóia, é o grude, é o caldo.

Entre um novo sermão e uma nova iguaria  
Fica, de senso falho, e de bom senso baldo.  
Ele ingere um tutu, rosnando a Ave?Maria  
E, deglutindo um bife, invoca São Geraldo.

Já que a mesa me traz a estupenda vantagem  
De ver?vos a meu lado, alegres, fartos, são,  
Mastiguei e digiro, a gosto, esta homenagem.

Mas, olhem! Tudo na vida tem o seu senão:  
Depois de tanto cibo e tanta beberagem  
Não vá da idéia o pai morrer de indigestão.

A Cigarra, São Paulo, mar. 1917.

## **UM MILAGRE**

(Propaganda do xarope Bromil)

Lira: Se qual o azeite anda por cima,  
Nada a muda do branco para o preto,  
E nem perde a verdade apreço e estima  
Pelo fato de a expor em tom faceto;

Como tudo que existe cabe na rima,  
Bem cabe um atestado num soneto.  
Por isso, a idéia que hoje aqui me anima,  
Nestes quatorze versos lhe remeto;

Pode afirmar, por toda a eternidade,  
Aos mil que sofrem e aos descrentes mil,  
Que isso que aí vai é a essência da verdade!

De horrível tosse que me pôs febril,  
Dei cabo, usando apenas a metade  
De um milagroso frasco de Bromil.

D. Quixote, Rio de Janeiro, 1 ago. 1917 (contracapa).

"Ferrando José Patrício, guarda-livros da casa An  
gelino Simões & C., caiu ontem no Conto-do-Vigário,  
tendo os larâpios lhe levado a quantia de 100.000\$000."  
(Noticiário)

Que o delegado de olho vivo seja  
nesse inquérito, ao qual já deu início  
E, se a verdade descobrir deseja,  
Note que o gajo é mestre no artifício.

Com tal nome não vai à minha igreja,  
Pois de pátria não ter, tem ele o vício:  
Em qualquer parte em que Patrício esteja  
Ele de todos há de ser patrício.

O caso nada tem de extraordinário:  
O vigarista, porque andasse pronto,  
Viu no patrício o desejado otário.

Mas repare só a polícia neste ponto:  
Se prender o contista do vigário,  
Não deixe solta a vítima do conto.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1340, 23 ago. 1911, p. 1.

"Acertemos os nossos relógios! A questão da hora.  
O governo propõe que se adote a hora universal!  
(Editorial d'A Noite)

A Noite (entre parênteses eu digo  
sem reclame: e um jornal muito bem-feito)  
Deu em colunas de honra um longo artigo  
Sobre a hora certa, e leva o caso a peito,

Eu gostei da tirada e dou-lhe abrigo;  
Porém, no assunto, penso cá a meu jeito,

Pois só tenho um relógio muito antigo  
Que regula do modo mais perfeito!, . .

Sabem que o penhorista sempre "adianta"  
Se o dono do relógio em sede e gula  
Está "atrasado" e empréstimo levanta.

Assim, tendo a "cautela" do Farrula,  
À hora em que parou, ele, em paz santa,  
No prego dorme e, sem variar, regula! ...

## ZANGÃO

imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1341, 24 ago, 1911, p. 1.

"Causou, aqui um verdadeiro sucesso a entrevista  
que teve o dr. Sã Peixoto com um jornalista do  
Rio, contando o abuso diário que o coronel Bitten-  
court, vulgo Pedro Álvares Cabra], faz de unia ca-  
ninha especial, que manda vir de Pernambuco, e à  
qual dá o nome de imaculada.

Pena é que o Ilustre amazonense não se tenha  
referido a outros viciozinhos mais picantes do tira-  
nete de Manaus."

(De uma correspondência de Manaus)

Esta é mesmo imprevista e inesperada!  
O velho Bittencourt pifões cozinha!  
E do Amazonas descem de enxurrada,  
Pororocas de cana ou laranjinha.

De palácio mal desce, agora a escada!  
Física e moralmente ele definha  
E o que a alma lhe macula, é a "imaculada",  
O que o corpo lhe verga é essa caninha.

Deu?lhe o alambique original mania:  
É, uma loucura a bem dizer didática;  
Fala até da prosódia e ortografia.

De pau?d'água governa ele na prática,  
Pois não passa, a qualquer hora do dia,  
Sem ser com "dois dedinhos de gramática" ...

## ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1344, 27 ago. 1911, p. 1.

## **O NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA PORTUGUESA**

"A escolha portanto, a todos os respeitos, não po-  
deria ser mais auspiciosa.  
Apenas haveria a objetar, quanto à sua avança-

da idade de 70 anos, total inexperiência prática de negócios públicos, e até mesmo essa integridade moral, pouco favorável à convivência com elementos partidários, ainda agitados pela recente revolução."  
(Gama Rosa - Comentários)

Pondo de parte a inexperiência prática  
Que. é igual à atividade de quem dorme,  
À rapidez motriz da força estática,  
Ou a ser desigual por ser conforme;

Pondo mesmo de parte a nota enfática  
Do artigo todo, hão de perdoar?me o opor?me.  
A essa nova teoria sintomática  
De grave mal e de perigo enorme!

Para o Gama a República recente  
Ao que é honesto oferece logo embargo!!!  
Que lhe agradeça a lusitana gente!

Olha o Rosa a bradar num gesto largo:  
É muito sério para presidente!  
Tem caráter demais para tal cargo!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1352, 4 sei. 1911, p. 1.

"No momento crítico, chegou o coronel Antonio Bittencourt, governador, que foi assim amavelmente recebido pela sua cunhada:

Veja, aprecie estes escândalos. Os senhores mandam dizer pelos seus jornais que no governo do Constantino e do Sã Peixoto se faziam neste palácio os maiores escândalos e as maiores orgias e, no entanto, eles nunca fizeram o que você e os seus estão fazendo. Metem meretrizes aqui, embebedam?se e se dizem homens de bem!"

(Correspondência de Manaus para  
um dos nossos vespertinos)

Pedr'Alvares, pajé daquelas zonas,  
Mas não tendo, como o ouro, um pedestal,  
Carrega o nome tropeçando às monas  
Da "imaculada" cachacinha ideal!

Não me espanta este case do Amazonas,  
Pois que chamam aqui na capital,  
Certa rainha mãe das marafonas  
de viúva de Pedr'Álvares Cabral.

Por isso, contra o tal velhote chuva  
Não sei por que a cunhada assim se dana!  
Veja?lhe a mão que está justinha à luva!

Pedr'Álvares também tem alma humana  
E do homônimo honrando o nome e a viúva  
Faz do palácio a casa da Suzana!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1353, 5 set. 1911, p? 1.

"É preciso .....  
... que o Sr. Oliveira Lima venha curtir sauda-  
des, para ver se a nossa chancelaria vai mesmo mal  
dirigida ou se é apenas efeito da distância."  
(DA Imprensa)

A Colmeia discorda do É preciso. . .  
Acho que esse homem vir aqui não há de,  
Por mar de rosas e caminho liso,  
Curtir uma hipotética saudade!

Sim! Saudade não tem quem não tem juízo,  
Nem quem intriga por perversidade!  
Que o glorioso Barão, de sobreaviso  
Fique, e mantenha firme a autoridade!

Põe ó Barão, teu coração de lado!  
Por glória do Brasil e glória tua  
Ninguém te empana o brilho conquistado!

O que É preciso ? ??? , eis a verdade crua:  
Para um tal tipo de indisciplinado,  
É a pena popular: o olho da rua! ...  
ZANGÃO

Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1354, 6 set. 1911, p. 1.

"Meu distinto amigo e chefe dr. Belisário Távora.  
Saúdo?vos com a mais alta estima e toda conside-  
ração. .  
Estando quase que plenamente apurada a respon-  
sabilidade do dr. Juvenato Horta, no inquérito por  
mim aberto na 2.a delegacia auxiliar, venho de ma-  
neira a mais respeitosa solicitar dispensa dessa co-  
missão que,. interinamente, exerço.  
Trata?se de um meu condí'scipulo e companheiro  
de formatura, cujo infortúnio, pelo muito que me  
contrista, deveras lamento e deploro Espero que  
encontrareis nisso a justificativa de minha atitude.  
Como sempre, lealmente solidário convosco,  
subscrevo?me com elevado apreço "amo cro att".  
FLoREs DA Cunha."  
(Dos noticiários)

Flores, não fora a nossa velha estima  
E bastaria apenas esse fato  
Para mostrar?me quanto estás acima

Do comodismo egoístico e pacato.

No gesto audaz que a independência anima,  
Do teu caráter deste fiel retrato.  
Desta musa que nunca vende a rima,  
Tens o, elogio a resto de barato.

Não sei quem seja o teu amigo, amigo!  
Mas vi, mais de uma vez, que o teu ser vibra,  
Se, ante o dever, o amor corre perigo.

Em tempos em que o egoísmo se equilibra  
Para bem se manter no achado abrigo,  
Provas que és homem da mais rara fibra! ...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1355, 7 set. 1911, p. 1.

"S. S. Pio X resolveu suprimir sete dias santifica-  
dos e criar um para o dia de São Pedro."  
(Notícias de Roma)

Sem ter ofício certo, o nosso papa  
Matuta agora em que passar o dia.  
Da prisão que o envolve não se escapa  
E, de Veneza, sofre a nostalgia.

Do mundo crente dominando o mapa  
E, exercendo a maior soberania,  
Vê, entretanto, que o mundo se lhe escapa  
E, não conhece o que dirige e guia.

Para se distrair, o prisioneiro,  
Os dias santos, impiedoso, corta  
Mas um concede ao celestial porteiro!

E não fizesse que, de cara torta,  
Quando soltasse o alento derradeiro,  
São Pedro, à face, lhe trancava a porta !

ZANGÃO

imprensa, Rio de Janeiro, n. 1357, 9 set. 1911, p. 1,

"O sr. cônego Rangel concita os fiéis a tomarem  
atitude decisiva, contra o ato do governo que nan-  
dou seqüestrar os bens de Santo Antônio dos Pobres."  
(Da Gazeta)

Seu cônego Rangel, brabo não seja!  
Ninguém furtou seu rico patirmônio;  
Ninguém foi profanar a sua igreja:  
Você se perde num caminho errôneo.

Não sei por que você grita e troveja,

Sem ser procurador de Santo Antônio.  
Até parece nessa má peleja  
Que há dentro de você qualquer demônio.

O santo, dizem, era irmão dos pobres.  
Santo Antônio dos pobres, não o nego,  
Foi um santo dos mais puros e nobres!

Mas dos irmãos nenhum foi burro ou cego  
E o que deixaram, carregando os cobres,  
Não chega a dar quatro vinténs no prego...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1359, 11 set. 1911, p. 1.

Do padre Sena Freitas a figura  
Nem é mal feita, nem das mais perfeitas.  
As idéias que tem, outrora aceitas,  
Ninguém por elas hoje em dia jura.

As "gotas" de um gostoso padre? cura,  
(Que são talvez de causas bem suspeitas)  
Assim as batiza o padre Sena Freitas:  
Gotas de ciência e de literatura.

Já tendo Pingos o Correio, as gotas  
Não são gotas nem pingos, são toleimas  
Para velhas ingênuas e devotas.

"Mas elas" próprias, discutindo e em teimas,  
Dizem todas ponteando meias rotas:  
Gotas virtuosas para as almorreimas...

ZANGÃ(1)

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1361, 13 set. 1911, p. 1.

"Mas entre essas patranhas aparecem as verdades,  
que são em geral os atos oficiais. Ora, precisamente,  
nessas notícias com loros de verdadeiras, surge a  
de que vão mandar para cá, exportados diretamente,  
os malandros e os patifes vagabundos que infestam Lisboa.

É uma idéia profundamente estapafúrdia e criminosa,  
que é preciso em tempo impedir."  
(Da Gazeta)

Terra que nada do que é nosso importa,  
A não ser o dinheiro aqui cavado;  
Que ao cacau e ao café ?nos fecha a porta  
E nem ao nosso açúcar dá mercado;

Que no manda o que estraga e o que conforta,

Grelhos paios, comenda, viscondado,  
Virgem da Régua, Verde Pedra Torta,  
Genro vadio e tio desempregado;

Quer ver também se agora um plano ensaia  
E nos manda o seu vil resíduo humano.  
De crime e vício toda a infâmia arraia!

Alto lá, Arriaga nesse plano!  
O Brasil não é todo Sapucaia  
Nem trapiche do lixo lusitano! .

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1363, 15 set. 1911, p. 1.

"Entre as muitas profecias do poeta Múcio Teixeira,  
há uma que diz: grande incêndio numa importante re-  
partição pública?"  
(Dos noticiários)

Múcio, o profeta, Múcio o hierofante,  
Múcio que tudo cura e não se cura  
Dos seus graves acessos de loucura,  
Nem na fama de reles cartomante,

Talvez agora, num só breve instante  
Por presente, pretérita e futura  
Audácia, pague em horas de amargura,  
O fez, o faz e o há de fazer por diante! ...

Nada mais para inquérito é preciso,  
A polícia de balde assim tateia  
Em pasto incerto, trôpego e indeciso! ...

Ouçã o conselho que lhe dá a Colméia Com partícula vivíssima de juízo:  
Meta o Múcio, o profeta, na cadeia!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1365, 17 set. 1911, p. 1.

## **A GUERRA**

Essa guerra da Itália com a Turquia  
Por que ora o mundo inteiro se interessa  
Da Europa os horizontes anuvia,  
Do pacifismo a bancarrota apressa.

Eis que mútua matança principia  
Em fúria que não há poder que a impeça!  
Aumenta do ódio a chama dia a dia,  
Rugem canhões é a guerra que começa.

O próprio papa, ao ver a luta aberta,  
Quer de Mafoma toda a gente morta;

Para nova cruzada os fiéis desperta.

E aos soldados dest'arte anima e exorta:  
Vede se a chave de São Pedro acerta  
Na fechadura da Sublime Porta!

Num exame de física:  
Qual é a principal propriedade o gás?  
- A Expansibilidade ... das contas.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1384, 5 out. 1911, p. 1.

## **IMPRESSÕES DE VIAGEM**

"Nunca se fecham as casas no Rio: as janelas e  
as portas estão continuamente abertas."  
(De uma entrevista de MONNA DELZA  
para o Comédia)

Como é bela a mentira quando nasce  
De uma formosa boca feminina!  
Nem nos faz o rubor subir à face,  
Tanto é discreta delicada e fina.

Se o que a Monna declara, declarasse  
O Belisário Távora, imagina  
O leitor que esta coisa assim ficasse,  
Sem protestos da crítica ferina?

À Delza agradecemos a carícia  
Das suas doces impressões de viagem.  
Nas quais não há nem sombras de malícia.

Mas cá no seio da camaradagem,  
Se assim fosse, que glória a da polícia  
E que vergonha para a gatunagem!

ZANGÃO

A Imprensa,, Rio de Janeiro, n.º 1384, 6 out. 1911, p. 1,

## **BODAS DE PRATA**

Ernesto Senna festejou o seu 25.º aniversário de  
decano do Jornal do Commercio.

Vinte e cinco anos de jornal completa;  
Mas áureas bodas faz e não de prata.  
Pois de ouro é toda a grande alma correta  
Que na vida do Serma se retrata.

De pés tortos marchando em linha reta,

Do jornalismo pela rota ingrata,  
É figura de todos predileta  
E seu nome na fama se dilata.

Gosta a gente de ver na luta insana.  
Firme, num furo manejando a pena,  
O cônsul da nação venezuelana.

Se ele da imprensa abandonasse a arena,  
O povo era voz potente e soberana  
Gritava: à cena o Senna! à cena o Senna.

Tigremilio

ZANGÃO

Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1385, 7 out. 1911, p. 1.

## **AMOR E GUERRA**

Sou todo Itália nessa atual disputa.  
Não inquiri se de uma ou de outra parte  
Está a razão ou qual, no fim da luta,  
Porá palmas de ouro no estandarte.

Amo a cavalheiresca, a resoluta  
Pátria tua e de Dante, a terra da Arte,  
Que te deu essa voz, que quem na escuta,  
Queira ou não queira, fica logo a amar?te.

E eu te amo como a Itália! e assim amado.  
Mafora odeio com a cristã fereza  
Do Duque Olivério e do Rolando!

E é por isso, aqui o digo com franqueza,  
Que, mandando?te beijos, não te mando  
Os prometidos brincos de turquesa.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1386, 8 out. 1911, p. 1.

"Reina a paz em Varsóvia."

É velha a chapa: renove?a,  
O conselho universal:  
A antiga "Paz de Varsóvia"  
Hoje é "Paz de Portugal",

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1393, 15 nov. 1911, p. 1.

O Otávio Silva, resolvido a morder o gerente em  
um vale modesto e desconfiado da improficuidade  
da prosa, recorreu às musas, que lhe inspiraram a  
eguinte valiosa quadrinha:

"Vale ou não vale este vale?  
Pois se vale, vale a pena  
Que valendo?se da pena,  
Peça o valor que ele vale."  
E o caso é que valeu.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1394, 16 out. 1911, p. 1.

Ouvimos dizer que não foi o Emílio que fez este  
epitáfio para o Cunha Vasconcelos.

Vermesfamintos, cautela!  
Não lhe toques no caixão;  
Pois ele, sem mais aquela,  
Dá logo voz de prisão."

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, N.º 1396, 18 out. 1911 P. 1.

Diz a Prensa que a Argentina vai aclimatar  
trutas nos rios nacionais.  
(Telegrama)

As finanças vendo pretas,  
Com sábias vistas argutas,  
A Prensa trata de tretas  
E a nación trata de trutas.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, N.º 1397, 19 out. 1911, p. 1.

## **É HOJE O ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ARTUR AZEVEDO**

Saudoso Artur Azevedo,  
Amigo do nosso teatro.  
Se não morresses tão cedo,  
Verias o diabo a quatro

O alegre, e risonho enredo  
De tuas peças, num latro  
Cínio que até causa medo,  
Em sessões de três por quatro!

Ó pobre Artur, que paciente  
Esperaste nas promessas  
De termos teatro decente!

Hoje anda tudo às avessas:  
Se tu não vives, há gente  
Que vive das tuas peças! ...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1400, 22 out. 1911, p. 1.

## O ANO RUBRO

Mil noventos e onze  
Ano de triste memória,  
Promete ficar no bronze  
Na bronzea chapa?da?História,

Como o ano mais belicoso,  
Mais feroz, mais desumano,  
Desse período famoso  
Da era do aeroplano.

Há guerras por toda parte,  
Aqui e ali, longe e perto;  
Sob a tutela de Marte  
Nasceu este ano, por certo.

Luta a Itália com a Turquia,  
A França ameaça a Alemanha  
Enquanto a democracia  
Abala o trono da Espanha.

Em Portugal o litígio  
O mundo inteiro atordoa:  
De encontro ao barrete frígio  
Raivosa investe a coroa.

Com tinta rubra se escreve  
A história dos nossos dias;  
Chile jura que em breve  
Peru corta em fatias.

Num desespero maluco  
A política se dana;  
Cá no Brasil, Pernambuco  
Afia a pernambucana.

Contrastando com a funérea  
Nota de tanta chacina,  
O mundo escuta a pilhéria  
Da república da China!

E ante tais fatos, em prece,  
Diz o Múcio, desolado:  
Ah! Deus do céu! se eu pudesse  
Profetizar. . . o passado!

Quando surgisse o ano novo  
Com certeza rude fria,  
Tais fatos, todos ao povo  
Então profetizaria.

Ser profeta do futuro  
Estragou-me a inteira pose!  
Hei de levar tanto furo  
Em novecentos e doze!

Mas como importa! o meu nobre  
Esforço é bem compensado:  
Se os tolos me passam cobre,  
Sou profeta do passado!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1401, 23 out. 1911, p. 1.

NOTURNO

(Sugestões de um poeta, faminto)

Tudo cor de azeitona. Fim do mês.  
Noite opípara: a lua, qual pedaço  
De manjar branco, gira pelo espaço.  
Ergue-se o monte como um bolo inglês.

Vejo a calda do oceano e a languidez  
Da geléia d'arbustos que, em melaço  
De orvalho, treme à aragem. Há um bagaço  
De nuvens no ar. O mar, de vez em vez,

Lança n'areia espumas de cerveja...  
Vejo um sorvete e até de abacaxi  
Sob a forma de torre de uma igreja!

Pelo espinheiro além, quanto palito!  
E as estrelas, no céu, longe daqui,  
São biscoitos jogados no infinito!

Por se ter aquecido um bronze, chegou, com um  
atraso de duas horas, o noturno paulista.

É, de certo, estranho caso  
Esse que a imprensa anuncia:  
Natural é haver atraso,  
Porém, quando o bronze esfria.

O dr. Seabra recebeu telegrama de Manaus comu-  
nicando que, num ataque de índios, foi levemente  
ferido o trabalhador Grego.

Escaramuças ridículas  
E um Grego ferido, enfim!  
A proteção aos silvícolas  
Perde o seu tempo e o latim

A Academia Brasileira de Letras elegerá, talvez, o  
cardeal Arcoverde, para a vaga de Raimundo Correia.

A eleição é só provável?  
Qual nada! é certa, é fatal.  
Candidato mais palpável  
Não há de que um cardeal.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1402, 24 out. 1911, p. 1.

"A polícia leve denúncia contra o solicitador Irineu Antão de Vasconcelos, acusado de ter feito várias transações com terrenos que lhe não pertenciam!"

Um limpo trabalho ao menos,  
Por que não fizeste, Antão?  
Pisaste em falso os terrenos  
Nas transações, "transação"?

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, N.º 1403, 25 out. 1911, p. 1.

Diz um telegrama de Porto Alegre que a atriz Maria Ricci, enviada violentamente para Buenos Aires, pelo empresário Guerra, a fim de não se casar com o maestro Costabile, seguirá diretamente do Rio Grande, de acordo com o cônsul italiano.

Esse Guerra que faz guerra  
Aos casamentos alheios  
Merece dez nomes feios  
E pau que o ponha por terra

Pois quê! a moça desterra  
Com tão violento furor?  
O que empresário impostor  
Que evita com tal desplante  
Que a atriz com o maestro cante

Um belo dueto de amor!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1404, 26 out. 1911, p. 1.

"Populares exaltados têm quebrado os condutores da iluminação pública."  
(Telegrama de Recife)

Decerto têm os dantistas  
Muitas virtudes preclaras.  
Mas não são positivistas  
Não querem viver às claras

"A polícia continua recolhida aos quartéis: O Diário de Pernambuco suspendeu a publicação."

(Telegramas)

O Diário (é o que aqui se entende)  
Acompanha a situação:  
Como a polícia, suspende  
A sua pública ação.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n. ° 1418, 9 nov. 1911, p. 1.

"O chefe de Polícia proibiu que fizessem parte da  
Guarda Civil oficiais da Guarda Nacional."

(Dos jornais)

Quem agora da Briosa envergue a farda,  
Não pode mais, segundo o chefe ordena,  
Fazer parte da nobre Civil Guarda  
Que com luva e com pau, ao povo acena.

Não encontra o motivo a mente tarda  
Dessa resolução que assim condena  
O Civil que à cidade assiste e guarda,  
A não possuir patente, por pequena.

E as razões indagando uma por uma  
Não encontro, de fato, em toda a lista,  
Senão esta que é frágil como espuma.

Julga o chefe, que é um rubro governista,  
Que um "nacional" não pode ser em suma,  
"Civil", civilizado ou civilista...

Que me dizes do projeto do Correa Defrheyta sobre o júri?

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n. ° 1451, 12 dez. 1911, p. 1.

"Disse o sr. Osvaldo Machado que não aderiria ao  
sr. Dantas Barreto, porque não lhe apraz; o papel  
de estampilha política."

(Telegrama de Recife)

O fato nos maravilha:  
É de virtude um modelo.  
Quem não quer ser estampilha  
Embora podendo sê-lo.

"O sr. Guerra Duval conferenciou com os revolu-  
cionários para evitar o bombardeio da cidade."

(Telegrama de Assunção)

O diplomata emprega o meio  
E muito bem por certo faz

De um tiro dar no bombardeio.  
Porém com espanto o caso leio  
De Guerra ser quem quer a paz,

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1453, 14 dez. 1911, p. 1.

## MESMICE

Quisera eu pôr nestes quatorze versos  
Um leve, fino, alegre comentário  
A algum novo e notável caso diário,  
Entre ps casos urbanos mais diversos.

Percorro dos jornais o noticiário,  
Leio artigos e tópicos dispersos,  
A pedidos satânicos, perversos,  
Desastres, crimes, contos?do?vigário.

Nada encontro que inspire à alegre musa  
Uma nota satírica e atrevida  
Que nos nervos um frémito produz.

É sempre a mesma coisa repetida:.  
Luza o sol, venha a noite, o sol reluza,  
Como, o banal, se reproduz a vida!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1460, 21 dez. 1911, p. 1.

## NATAL

Neste Natal quisera eu ter a dita  
De ir ao teu lado, à sombra do teu vulto,  
Ao menino Jesus render meu culto  
Numa igreja simples e catita.

Longe dos faustos deste mundo estulto,  
Num idílio de monja e cenobita  
Entre os meus braços o teu rosto oculto,  
Do amor a benção receber bendita.

Da natureza ouvindo a sinfonia.  
Lá no Leme, entre as águas e as montanhas  
Passarmos docemente o inteiro dia.

E à noite, após "complicações" tamanhas  
Fazermos a consoada numa orgia  
De vinho verde, beijos e castanhas.

O sapateiro à namorada:  
Que queres, meu amor que eu ponha no teu sapatinho?  
Ela, dengosa e sincera:  
Uma meia sola.

## ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1464, 25 dez. 1911. p. 1.

É candidato a governador de Alagoas o sr. Natalício Camboim.

De festa ao febril bulício  
Diz Alagoas assim:  
Haja fogo... de artifício  
Em honra ao meu natalício... Camboim.

Foi apresentada a candidatura do sr. Natalício Camboim à presidência do Alagoas.

Da festa ao febril político  
Diz Alagoas assim:  
Haja fogo ... de artifício  
Em honra ao meu natalício. Camboim.

## ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1465, 26 dez. 1911, p. 1.

Os empregados da repartição de Águas e Esgotos  
queixam-se aos jornais de que, desde dezembro pas-  
sado, não recebem ordenado.

Bem percebo as duras mágoas  
Destes pobres empregados:  
Andam "a seca" os das águas,  
E os esgotos "esgotados".

Que o nosso reclame voe  
Aos poderes inclementes;  
E que o arame enfim se escol  
Pelos "canais" competentes. . .

## ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1482, 22 jan. 1912, p. 1.

"Foi nomeado agente diplomático do Paraguai o sr.  
José Meza."  
(Telegrama de Bucnos Aires)

Este, com toda certeza,  
No cargo não dará ratas.  
Que figurarão fará "Meza"  
Na roda dos diplomatas!

"Fortaleza, 6 - É considerado providencial o fato  
de até hoje não se ter averiguado a morte de al-  
guém do povo no combate de 22 a 24 do mês

passado.

Algumas mortes verificadas foram de simples transeuntes ou de pessoas que estavam em casa."

(Telegrama)

- 1 A carta não mais ajuntes,  
Correspondente que louvo:  
Se entre tantos transeuntes  
Não havia um só do povo.  
É que os mortos, com certeza,  
No prélio sangrento e fero,  
Se não eram da nobreza,  
Faziam parte do clero.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1498, 8 fev. 1912, p. 1.

"A Federação informa ter sido chamado ao Rio de Janeiro o major Iracema Gomes, parece que por causa do discurso que esse oficial pronunciou por ocasião da instalação da Junta Pró-Menna na cidade do Rio Grande."

(Telegrama)

- 1 Que lhe seja a viagem plena  
De calma e serenidade.  
Major, valeu bem a pena  
Deixar a Junta Pró-Menna  
Por tão bela promenade...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1516, 26 fev. 1912, p. 1.

"E nessa mistura de italiano e português, contou o  
padre Rigoni que queria salvar a alma da rapariga."  
(d'A Noite)

- 1 Desejando, afinal, mudar de estado  
- os Estados têm feito isso a rigor -  
pilhou Maria Rosa um namorado  
ao pintar da faneca - um Salvador!
- 5 Ao saber do namoro, exasperado,  
padre Rigoni - amigo e confessor -  
procurou evitar esse "atentado",  
porém nada logrou e ... foi-se a flor!
- 9 O caso vai às oíças da polícia  
e o dr. Hugo Braga, com perícia,

consegue liquidar toda a questão

- 11 E Rigoni confessa sucumbido:  
- Não era Salvador, como o marido,  
mas, tentara também a ... salvação!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1520, mar. 1912, p. 1.

"Registramos a denúncia levada pelo dr. Filemon  
Torres, advogado da Light and Power, à polícia,  
contra dois empregados daquela empresa, acusados  
de terem dado ali vultosos desfalques."

- 1 Quando deparo um desses casos fico,  
não direi satisfeito, mas contente;  
a Light, águia feliz e onipotente,  
faz de nosso Governo um tico-tico!
- 5 O povo, moço ou velho, pobre ou rico -  
cede, cede com c, benevolente:  
e a Light - até do Lloyd é pretendente -  
todo o pinto que vê leva no bico!
- 9 Com direito ou sem ele, a Luz e Força,  
à luz do dia e à força da chicana,  
pilha tudo, por mais que a gente torça.
- 12 - Tudo, não! Desta vez a luz se empana,  
vai-se a força e, por mais que ela se estorça,  
dois agries dão nos pintos da águia ufana!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n.º 1522, 3 mar. 1912, p.

## O GATO PRESO

- 1 Malvado Gato, Gato irreverente,  
Que sem pena os políticos arranhas,  
Que enches de medo da polícia a gente  
Com as tuas endiabradas gatimanhas.
- 5 A polícia persegue-te inclemente  
E uma reclame estardalhante apanhas.  
Aumentas a edição galhardamente  
E, com os aplausos, mais trame ganhas.
- 9 Escaldados, não temes água fria;  
De unhas de fora, investes com coragem  
Contra a bajulação e a hipocrisia.
- 12 Elas, sentindo os arranhões, reagem;

Metete a polícia o Gato na enxovia,  
Deixando em liberdade... a gatunagem.

"Um guarda civil proibiu que vendedores de jornais, descalços, exerçam a sua profissão."

- 1 Guarda civil desastrado.  
Que agiste de tal maneira!  
Vês agora o resultado?  
S'tás por causa do calçado  
Levando descalçadeira.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, n 1554, 15 dez. 1911, p. 1.

- 1 Aquele negro capacho  
Caiu de uma escada abaixo  
Em noite de carraspana...
- 4 Mentiu, depois, que a bicheira,  
Que rareou-lhe a cabeleira,  
Fora uma bala certa  
Da pífia gente solana.
- 1 Empertigado malandrin pachola,  
De polainas, monóculo e bombachas,  
Mandou pôr na botinas meia sola  
E abandonou de vez Porto das Caixas.
- 5 Traz registradas na caraminhola  
Marcas de pontapés e de bolachas;  
Faz versos; nos lundus ao tom da viola  
É o Conde Monsaraz das classes baixas.
- 9 De Senha-Flor na rabadilha, ansioso,  
De focinho no ar e ereto rabo  
Tem estesias de cachorro gozo.
- 12 Come sardinha e dois vinténs de nabo;  
Bufa num quebra-queixo pavoroso  
E arrota petisqueiras de nababo.

"Arrancado às hortas e capinzais de Catumbi, no primeiro dia da florescência dos agriões, aniversário de Sinhá Flor."

- 1 Como passas, B. Lopes? - Eu? Maluco!  
Julguei um dia possuir princesas...  
- E arranjaste este tipo mameluco?  
- Que anda me pondo cá lampas acesas

- 5 - Mas eu te vejo sempre em tais proezas  
- "Era a mais bela flor de Pernambuco"  
- E hoje? perdeu acaso tais belezas?  
É o mais feio canhão de Chacabuco.
- 9 Mas coragem! que a rima se derive  
Pelo reguinho do meu verso, à toa,  
Murmurando, ao passar, rimas em ive.
- 12 Vejo-te magro, espinafrado. . .  
- É boa! Pois tu não sabes que comigo vive  
D. Adelaide de Mendonça Uchoa?
- 1 Meu caro Nico. Eu sei que tu compreendes,  
Da vida, o que há de menos ou demais  
E não ralhas, castigas ou repreendes,  
A não ser por motivos imorais.
- 5 Trazes apenso ao nome teu de Mendes  
O plural da moral, sendo Morais.  
Com tais nomes de ataques te defendes  
E podes atacar com nomes tais...
- 9 E que esses nomes são a bela herança  
Da honestidade atávica, ancestral  
Que dá aos teus atos força e segurança.
- 12 Deixa pois que esta musa amiga e leal  
Aqui te oferte a humílima lembrança  
Deste soneto sobre o teu natal.
- 1 Meu caro Silva Araújo,  
Júlio forte, alegre e nédio.  
Eu de tão "limpo" ando sujo,  
Por causa de um tal remédio.
- 5 Aí tenho uma receita  
Que fica, por meus tormentos,  
Depois da conta já feita,  
Em treze mil e quinhentos ...
- 9 Se algum crédito mereço  
Este fiado não disfarço,  
Pagarei logo ao começo  
Do próximo mês de março
- 12 O pedir-te me desgosta,  
Porém, como de outras vezes,  
Sê bom mandando a resposta  
Ao Emílio de Menezes.

## **MEU CARO PIRES BRANDÃO:**

Menos Brandão que brandura,  
Pois de "Brandão" tens a cera  
Ao lhe dar molde e feição  
Fecho o parênteses, mau!  
Não me sai isto a contento,  
A frase é banal, sem jeito,  
E se és amigo do peito,  
Dá com o que peço um quinau,  
Pois hoje sofro o tormento  
De não ter um "nicolau!"  
Como os tempos são cruéis  
Para mim por estes meses,  
Eu já não sei o que faça,  
A não ser que na desgraça,  
Me valham amigos fiéis!  
Salva o Emílio de Menezes,  
Brandão, com vinte mil-réis.

A pobreza.

De acordo.

A necessidade.

E eu que o diga.

## **AO QUERIDO PIRES BRANDÃO:**

- 1 Não te perpassa pela mente a troça  
(Pois é troça o pensar-se na velhice),  
De que se a idade, em anos, se te engrossa,  
Já deixaste a garrida meninice.
  
- 5 A bondade imortal, que a alma te adoça,  
Dá-te um cunho infantil, e essa meiguice  
Que é nosso encanto e que é alegria nossa,  
Chora entre risos e, entre prantos, ri-se.
  
- 9 Se no espírito tens a madureza  
E no caráter tens a anciã virtude  
Dos remotos varões da sã nobreza,
  
- 12 Quem de ti se aproxima, não se ilude:  
No coração plantou-te a natureza  
O viço em flor da eterna juventude.

## **SATURNINO BARBOSA**

(Retrato)

- 1 Pedagogo pernóstico e pedante  
Com vastas pretensões a literato;  
Barrigudinho, cético, insensato,  
Portador de uma cara extravagante.

- 5 Eis o poetastro trêfego e barato  
Que o chicote da crítica ululante  
A zero reduziu, no mesmo instante  
Em que passou a residir no mato.
- 9 Hoje não vibra mais, é letra morta,  
Nem sonetos, nem livros maltrapilhos:  
Passa o tempo a pedir, de porta em porta
- 12 Há de acabar assassinando os seus,  
Como Saturno a devorar seus filhos,  
O matador sacrílego de Deus.

## PYRUS CYDONIA

Ipsis ego cana legam tenere lenugine mala.

VIRGÍLIO

- 1 Áureo-glauca, ora a casca desta fruta  
Se veste de sutil, ligeiro velo,  
Ora aparece nítida e impoluta,  
No brilho vegetal, cetíneo e belo.
- 5 Qual carne virgem, sua polpa enxuta,  
Levemente tocada de amarelo,  
A humana gula em ânsias a disputa;  
Abre a cobiça o sávido marmelo.
- 9 Nem a fama dos pomos de Atalanta  
Ou de maçã de Newton que, num tombo,  
Criou lei nova, o nome lhe suplanta!
- 12 O que, entretanto, em épico ribombo,  
Mais o enaltece e o traz em glória tanta  
É a marmelada esplêndida Colombo.
- 1 Não é um simples cachorro o Menelik.  
É um ser que raciocina, um ser que pensa,  
Que detesta o que é mau, que ama o que é chique,  
E que é dotado de uma sorte imensa!
- 5 Somente abana a cauda por debique  
E trata com suprema indiferença  
Certos amigos como o Rocha, - o Henrique,  
Com quem vive em constante desavença.
- 9 Conhece toda a atual vida mundana  
E o segredo de todos os amores  
Desde a Tijuca até Copacabana.
- 12 Ele é um cão que não morde, meus senhores,  
Mas quando mordem o Lebrão, a gana  
Então lhe chega, e morde... os mordedores!

## REQUERIMENTO ENGROSSATIVO MAS SINCERO - HINO À DENTADA

- 1 Lebrão! Tu sabes que a Confeitaria Colombo é verdadeira sucursal Da nossa muito douta Academia Mas sem cheiro de empréstimo oficial.
- 5 Cerca-te sempre a grande simpatia De todo o literato honesto e leal, E tu te vais tornando dia a dia O mecenas de todo esse pessoal.
- 9 Nisto mostras que és homem de talento, Que não cuidas somente de pastéis Nem de lucros tirar cento por cento.
- 12 Atende, pois, a um dos amigos fiéis, Que está passando por um mau momento E anda doido a cavar trinta mil-réis! ...
- 1 Isto é um caso de estética mineira, De que o Brasil, por certo, não se ufana. Há um armário que, em cada prateleira, Ostenta mimos de arte soberana.
- 5 Bronzes, cristais, em suma, a verdadeira Ciência do gozo e da delícia humana. Há o ouro burilado e a alma altaneira De um vaso esguio em rara porcelana.
- 9 Tal vaso (do que os homens são capazes!) Foi tirado do móvel por mandinga Dos mil politicões e seus sequazes,
- 12 E, em vez dele, hoje ali, malposto, ginga, Na cerâmica alvar dos goitacases, Um moringue de réles tabatinga.

## ESCULAPINHO

- 1 A porta da nomeada a muque arromba, Pula a janela da celebridade, Como o Quincas Barbeiro ou o Chico Bomba, No subúrbio, ou no centro da cidade.
- 5 Nada aplaca o furor que a alma lhe invade Ao sentir que, alto, o nome não ribomba, Mas abafa, com manha e habilidade, O uivar da fera no arrulhar da pomba.
- 9 Pônei quer ser quando a trotar se atira.

Mas, por muito que, a andar, ele se esgote  
Todos sabem que ele é trêfego piquira.

- 12 Vence, entretanto, um puro-sangue ao trote,  
Se o alazonado bigodinho vira,  
Na forma de um anzol de pesca ao dote.

## **NÃO É CHORO, É CHORADEIRA**

- 1 Nesta hora em que chora tudo  
Em choro alto ou choro mudo,  
Tudo em berreiro infernal,  
O Lalão geme na pua  
Vendo a bernarda na rua  
Com mestre Aurelino Leal  
Que vai armando a cafua  
A bicha vendo estourar  
Sem a saída encontrar  
Na terra, no sol, na lua.
- 10 Chora o rico, chora o pobre  
Mendigo ou cheio de cobre  
Nobre, clérigo ou vilão.  
Chora o Lauro a investidura  
Que lhe deve dar postura  
E Enéas, todo chorão  
Vai gemendo a maldição:  
"Este Lauro é um caradura!"
- 18 Assim, ganindo no choro,  
Mil voltas ao corpo dá,  
E a choradeira faz coro:  
- "Pobres terras do Pará!"
- 22 Neste angu de frigideira  
Nesta geral borracheira  
Borracheira de chorar,  
Os juízes na bebedeira  
Andam em vil pagodeira  
A justiça a avacalhar  
Explorando a ladroeira.  
- Vamos lá mestre Lalão:  
De vez lhe meta o pau,  
Nós cá estamos na bordoeira!
- 32 Nem o diabo já os atura  
No desplante a caradura  
De comer, beber, jogar.  
Em tudo isto o que se apura  
É que, quem sofre a tortura  
De não ter com que passar,  
Não deve fazer loucura  
Que não traz o bem-estar.

Entre no choro a chorar:  
"Choro com choro se cura."

42 Só não chora quem mergulha  
Uma vez, duas ou dez,  
Nesta versalhada pulha  
A cabeça, o tronco, os pés.  
Nestes negócios de choro,  
O pessoal perde o decoro  
Pondo a tristeza em frangalho;  
Pois é tal a contradança  
Que este grito os céus alcança:  
- Viva a vida! Viva O Malho!

52 Se é o fastio que em ti medra,  
Ou fome de comer pedra,  
Não terás muito trabalho  
Em achar remédio certo.  
É entrares no céu aberto  
Que há nas páginas d'O Malho!

58 Juiz a quem a honra abona  
Ou juiz que vive na mona,  
Na roleta ou no baralho,  
Ricaços ou poetas boémios,  
todos confiam nos prêmios  
Que vai distribuir O Malho.

1 Arrisquemos um leve comentário  
As decisões do Tribunal Supremo.  
Não se compreende o seu critério vário  
Quanto se trata de recurso extremo.

5 Ontem de um modo, hoje é o contrário  
E a vítima só diz: "Eu todo tremo  
Porém protesto contra o meu fadário.  
Isto é justiça? Pois que a leve o demo!"

9 Nestes casos a vítima é o prefeito  
Que em apuros agora se coloca  
Pela nova feição que teve o feito.

12 Que o Doutor Passos fique, pois, à coca,  
E espere firme que ainda vence o pleito  
Sobre os prédios do Largo da Carioca.

Rio, 28-6-904

1 No calçamento que se está fazendo  
Em a toda a rua de Gonçalves Dias,  
E que o aspecto lhe dá de caos horrendo,  
Apressaram-se as duas companhias.

5 A Gás e a City, o proverbial remendo  
Fizeram, (em dois tempos, ou dois dias)

O Van-Erven, porém, - homem tremendo!-  
Só procura conflitos e arrelias!

9 Ele desmanchou. Ele demora tudo,  
E toda a urgência do abastecimento,  
D'água, ele diz que ainda é questão de estudo!

12 E estuda, sem perder um só momento,  
Mas quanto mais estuda, mais a miúdo  
Se lhe percebe a falta de talento.

1 Mais um trabalho do Bilac  
E mais outro também do nosso Guima.  
Aquele o poeta de maior destaque  
E este, outro mestre emérito da rima.

5 Em novo livro vieram dar o baque  
No Castilho que andava em grande estima  
Com tal livro (que a crítica embasbaque!),  
Até um novo é capaz de uma obra-prima!

9 Velhos e novos, pois, que sem demora  
Comprem do Alves a esplêndida edição,  
Desse novo que ao poeta a arte melhora,

12 Poeta! não basta ter imaginação!  
A "Arte do Verso" ide buscar agora,  
No Tratado de Versificação!

## **CONFLAGRAÇÃO EUROPÉIA**

A Guerra dos Balcãs contra a Turquia

1 Que tombe enfim toda a selvageria  
Que a Europa avilta e que o progresso entrava  
E sobre a vil e bárbara Turquia  
De fogo caia a vingadora fava!

5 Que os balcânicos povos, à porfia,  
Ergam em cada heróica mão a clava,  
Contra a rotina, o atraso, a barbaria  
Do sangue em que a Otomânia hoje se lava!

9 Se a Bulgária rugindo, o povo exorta,  
O Montenegro o pavilhão desfralda  
Sobre os destroços da Sublime Porta!

12 Da Sérvia à Herzegovina o ardor escalda,  
Porque esse povo forte e unido importa,  
Manteiga do Brasil, marca Esmeralda!

Ass. CARMEM SILVA

1 Quem pelas chuvas não se molha e enloda,  
Quem da vida possui toda a fortuna,

Tudo que ao savoir-vivre se acomoda  
Num requinte, trabalho e formosura;

- 5 Quem na mais elevada e grande roda  
Não quer representar triste figura,  
Usa sempre um chapéu de última moda  
E um guarda-sol de rara formosura.
- 9 E é por isso que a fina-flor mundana  
Procura a novidade e a fantasia  
Na casa que em chapéus é soberana.
- 12 E a nossa principal chapelaria  
É a ideal "Chapelaria Americana":  
Carvalho, Portugal e Companhia.
- 1 Velho é o conselho do cherchez la femme  
Para tudo que existe neste mundo!  
Verdade que resiste a todo o exame.  
Conceito entre os profundos, mais profundo!
- 5 Quer o que a atos violentos nos inflame  
E do homem calmo faça um iracundo;  
Quer o que nos humilhe até o vexame,  
E de um Deus faça um diabo num segundo,
- 9 Tudo há de vir dessa divina origem  
Desse princípio em tudo dominante  
Que nos leva de rastros à vertigem.
- 12 Pára que seja sempre triunfante  
Os próprios deuses trêmulos transigem  
E isso "A Saúde da Mulher" garante!

## **QUADRAS ENCOMENDADAS PELA CERVEJA BRAHMA**

Escrito no dia 15 de dezembro:

- 1 A José Bonifácio se insulava  
Nessa ilha pitoresca, Paquetá!  
Lugar que a água de coco dominava  
E a Brahma-Porter dominando está.

Escrito no dia 21 de fevereiro:

- 1 O pintor Victor Meireles,  
Que faleceu nesta data,  
Dizia que ao próprio  
Zoeller já era a cerveja grata.

Escrito no dia 11 de abril:

- 1 Nesta data morreu nosso Macedo,  
Autor do Moço loiro e Moreninha.  
Quando o releio penso assim em segredo:  
Um chope loiro e um copo da Negrinha.

## **QUADRAS SOBRE CIGARROS "ODALISCA" E "EXCELSIOR"**

- 1 Quando a tempestade aumenta  
O raio no espaço risca  
Esta sentença: "A tormenta"  
Cede a um cigarro Odaliska.
- 5 Do alto céu demande o rumo  
O aroma que o cigarro tem.  
Porém o odoroso fumo  
Do Excelsior vai muito além!